



INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

BACHARELADO EM LETRAS/TRADUÇÃO ESPANHOL

LETÍCIA MAGALHÃES ANTERO

JOSÉ MARTÍ, TRADUTOR DE VICTOR HUGO:

UMA ANÁLISE DO PRÓLOGO DE *MIS HIJOS*

Brasília - DF

2025

LETÍCIA MAGALHÃES ANTERO

JOSÉ MARTÍ, TRADUTOR DE VICTOR HUGO:

UMA ANÁLISE DO PRÓLOGO DE *MIS HIJOS*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção parcial do grau de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a María del Mar Paramos Cebey. Coorientadora: Prof.^a Magali de Lourdes Pedro

Brasília - DF

2025

LETÍCIA MAGALHÃES ANTERO

**JOSÉ MARTÍ, TRADUTOR DE VICTOR HUGO:
UMA ANÁLISE DO PRÓLOGO DE *MIS HIJOS***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção parcial do grau de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol.

Brasília, 15 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Magali de Lourdes Pedro

Coorientadora

Prof.^a Cinthia Tufaile

Avaliadora

Prof. Júlio César Neves Monteiro

Avaliador

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, à minha orientadora e professora María del Mar, que partiu deste plano precocemente, por toda a paciência e sugestões que foram imprescindíveis para a confecção deste trabalho. Ainda me recordo de suas palavras, dizendo-me para continuar a escrever. Espero que esteja em paz.

Em segundo, agradeço à professora Magali Pedro por ter me acolhido e tornado possível que eu desse continuidade ao que eu tinha iniciado com a Mar.

Também gostaria de agradecer a todos os professores, profissionais da mais alta qualidade e competência, com quem tive o privilégio de aprender e de me deixar transformar por todo o ensinamento. Que a universidade pública, ainda que tendo sua legitimidade ameaçada constantemente, continue a ser espaço de transformação e de disseminação de ideias.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer à minha família, aos amigos e aos colegas de trabalho por todo o apoio durante o processo de escrita, que não é fácil e nunca será, e pelas trocas de experiência que me permitiram enxergar mais além, parafraseando a máxima: “se vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes” (autoria atribuída a Isaac Newton ou a Bernardo de Chartres).

“El traductor del libro sólo tiene una palabra que decir, en cuanto al lenguaje. Traducir no es, a su juicio, mostrarse a sí propio a costa del autor, sino poner en palabra de la lengua nativa al autor entero, en dejar ver en un solo instante la persona propia.”

(José Martí)

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de análise o prólogo de José Martí para sua tradução de *Mis Hijos*, de Victor Hugo. Compreende-se o prólogo como um tipo de paratexto que, para além de sua função originária, torna-se espaço discursivo para a manifestação da voz do tradutor: aquilo que é vivido subjetivamente no ato tradutório é exteriorizado sob a forma de retórica no prólogo. No contexto latino-americano do século XIX, esse tipo de texto adquire uma relevância ainda maior, constituindo peça-chave na formação intelectual das repúblicas emergentes. A partir de uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e analítico, o prólogo de Martí, que tem sua atuação tradutória inserida no panorama marcado pela mediação cultural e pela realidade americana, é examinado como lugar de enunciação em que tensões do ato do traduzir, como hierarquia entre original e tradução, intraduzibilidade e limites linguísticos e éticos, podem ser presenciados. A pesquisa, ao se amparar na análise do discurso paratextual, lança olhar sobre o pensamento tradutório de José Martí e destaca a relevância dos paratextos como fontes teóricas nos Estudos da Tradução.

Palavras-chave: paratexto; prólogo; metadiscorso; José Martí; Estudos da Tradução.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objeto de análisis el prólogo escrito por José Martí para su traducción de *Mis Hijos*, de Victor Hugo. El prólogo se comprende como un tipo de paratexto que, más allá de su función originaria, se configura como un espacio discursivo para la manifestación de la voz del traductor: aquello que se vive subjetivamente en el acto traductorio se exterioriza bajo la forma de retórica en el prólogo. En el contexto latinoamericano del siglo XIX, este tipo de texto adquiere una relevancia aún mayor, al constituirse en una pieza clave en la formación intelectual de las repúblicas emergentes. A partir de un enfoque cualitativo, de carácter descriptivo y analítico, el prólogo de Martí, cuya actuación traductora se inscribe en un panorama marcado por la mediación cultural y la realidad americana, es examinado como un lugar de enunciación en el que pueden observarse tensiones propias del acto de traducir, tales como la jerarquía entre original y traducción, la intraducibilidad y los límites lingüísticos y éticos. La investigación, al apoyarse en el análisis del discurso paratextual, se aproxima al pensamiento traductorio de José Martí y pone de relieve la relevancia de los paratextos como fuentes teóricas en los Estudios de la Traducción.

Palabras clave: paratexto; prólogo; metadiscurso; José Martí; Estudios de la Traducción.

Sumário

CAPÍTULO I	8
José Martí: trajetória biográfica e intelectual	8
CAPÍTULO II	16
Paratexto e tradução: fundamentos teóricos	16
1.1 Paratexto	16
1.2 Paratexto nos Estudos da Tradução	17
1.3 Martí tradutor: contexto e prática tradutória.....	18
CAPÍTULO III	22
Análise do prólogo de <i>Mis Hijos</i>	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar o prólogo escrito por José Martí para sua tradução de *Mis Hijos*, de Victor Hugo, o qual será o objeto central de investigação. O prólogo será analisado a partir da perspectiva do paratexto, entendido como um espaço discursivo no qual o tradutor introduz a obra ao leitor e torna explícita sua posição diante do original e de sua própria prática tradutória.

A atividade tradutória de Martí integra um projeto intelectual mais amplo, atravessado pela experiência da alteridade, pela mediação entre culturas e pela busca de uma reflexão crítica sobre a realidade americana, nas palavras de Lourdes Rodríguez (1998, p. 100), “la obra martiana en su totalidad, es expresión por diferentes vías y medios del gran proyecto sociopolítico y humanista al que dedicó toda su vida”.

A escolha do prólogo escrito por José Martí se dá pela relevância, embora recente, desse tipo de texto no campo dos estudos da tradução, ao constituir um espaço privilegiado para a manifestação do metadiscorso do tradutor diante do texto original, do ato tradutório em si e de seu próprio papel como mediador entre línguas e culturas. Como um intelectual da república das letras, o repertório de Martí também transpassa os mais variados temas, entre os quais literatura, crítica literária e artes, o que revela influências muito além de uma inclinação política e social. Possui, igualmente, uma ampla produção literária, que transita por uma diversidade de gêneros, como coleção epistolar, de ensaios e paratextos (prefácios, notas, introduções), artigos, crônicas e, sobretudo, traduções. Suas traduções e, mais especificamente, os seus prólogos, ainda são pouco explorados sob a perspectiva dos estudos da tradução, principalmente para uma compreensão de seu pensamento. Dessa forma, a análise do prólogo de *Mis Hijos* contribui para ampliar a compreensão da atuação tradutória de Martí, ao mesmo tempo em que permite refletir sobre temas centrais do campo, como a hierarquia entre original e tradução, a intraduzibilidade e os limites do ato tradutório.

Como objetivo geral, este trabalho se propõe a analisar o prólogo escrito por José Martí à sua tradução de *Mis Hijos* como espaço de vazão do tradutor, em que torna explícitas suas concepções e constrói discursivamente suas escolhas e dificuldades diante do texto original e do leitor – para este, pressupõe-se, no entanto, que nenhuma obra necessite de um receptor. Mais especificamente, busca-se examinar o prólogo como espaço paratextual de apresentação e legitimação da tradução; identificar, no discurso de Martí, reflexões sobre os dilemas que permeiam o processo tradutório e analisar as estratégias discursivas por meios das quais ele se posiciona como tradutor, principalmente aquelas associadas à dificuldade, à modéstia e à justificativa.

Para tal, adota-se uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e analítico, centrada na leitura textual do prólogo de *Mis Hijos*. O prólogo é tratado como paratexto e analisado como espaço discursivo no qual o tradutor apresenta a obra e tem a oportunidade de explicitar sua compreensão acerca do processo tradutório.

A metodologia consiste na leitura atenta do prólogo, por meio da seleção de trechos representativos que são analisados à luz de aportes teóricos dos Estudos da Tradução e da crítica literária. Ressalta-se que a pesquisa não realiza uma análise contrastiva entre texto original e texto traduzido, focando no exame do discurso paratextual do tradutor.

O trabalho busca, inicialmente, delinear a figura de Martí em sua essência política e revolucionária e, mais adiante, deter-se em suas contribuições tradutórias, organizando-se da seguinte forma: a introdução apresenta o tema, a justificativa, os objetivos e a metodologia. No primeiro capítulo, oferece-se um panorama da trajetória de vida e política de Martí. No segundo capítulo, trabalha-se a definição e a contextualização do paratexto; no terceiro capítulo, analisa-se o prólogo de *Mis Hijos* a partir das estratégias discursivas que permitem observar como Martí constrói sua autoridade e sua identidade tradutória. Nas considerações finais, retomam-se os principais pontos da análise.

CAPÍTULO II

José Martí: trajetória biográfica e intelectual

Vida

Filhos de espanhóis imigrantes, Mariano Martí, de Valência, e Leonor Pérez, da cidade de Tenerife, nas ilhas de Canárias, e cujo destino os uniu em Cuba, onde se conheceram e se casaram, José Julián Martí Pérez nasceu em 29 de janeiro de 1853 em Habana, filho mais velho de sete irmãs. De origem humilde, seu pai prestava diversos serviços para poder sustentar a família, nos quais Martí também o acompanhava quando ainda era criança. Frequentou um colégio distrital em Havana, mas seu rápido desenvolvimento fez com que seus pais o transferissem para outra escola mais qualificada, para que pudesse estudar inglês e contabilidade.

Devido à condição financeira de sua família, seu pai acreditava que ele já sabia o suficiente e o levava para trabalhar no campo. Foi um tio protetor de Martí que, como se por destino, insistiu para que o levassem para conhecer Rafael María de Mendive. Responsável por plantar o espírito revolucionário e patriota em Martí, Mandive era, ele próprio, “*un delicado poeta y un patriota irreductible*” (Retamar, 2018, p. 20) e, assim como Martí mais tarde, foi também tradutor do irlandês Tomás Moore. Em dado episódio, aos treze anos, Mantive pegou-o traduzindo para o espanhol poemas de Lord Byron (Retamar, 2018). Antes, ele havia tentado com Hamlet. É inegável, portanto, a influência de Mandive num jovem Martí, que “*vio deslumbrado, todavía en su niñez, la conjunción del hombre de letras, el maestro y el patriota*” (Retamar, 2018, p. 20). Financiou os estudos de Martí, o que contribuiu para o estreitamento da relação entre mestre e pupilo.

Em 10 de outubro de 1868, próximo a Yara, Oriente, eclodiria a Guerra dos Dez Anos, como ficou conhecida a primeira parte da guerra de independência de Cuba em relação à Espanha. Aos quinze anos, Martí imbuído de um espírito revolucionário, bem como discípulo de Mandive, adere à “causa de Yara” e publica, clandestinamente, o seu primeiro soneto *¡10 de octubre!* e, no início de 1869, contribui com a edição do opúsculo *El Diablo Cojuelo* e, posteriormente, do seminário democrático cosmopolita *La Patria Libre*, que teria apenas uma edição. Em *La Patria Libre*, quando não havia completado nem seus dezesseis anos, Martí divulga o seu primeiro ensaio teatral de cunho patriótico-simbólico *Abdala*, que narra a história de um jovem africano chamado Abdala, que luta pela sua terra, Núbia, ante a um invasor estrangeiro, enquanto sua mãe e irmã tentam impedi-lo, em vão. Nos versos sonoros e de tons épicos de “Abdala”, mais do que expressar o amor pela pátria, como evocaria em “*el amor, madre, a la patria / no es el amor ridículo a la tierra [...]*” (Martí, 1869), um jovem Martí profetizaria seu próprio destino, tanto no que diz respeito a como trilharia a sua vida quanto a que fim ela levaria:

*Nubia venció! Muero feliz: la muerte
Poco me importa, pues logré savarla...
Oh, qué dulce es morir cuando se muere
Luchando audar por defender la pátria!* (Martí, 2001).

Em 21 de outubro de 1869, tanto Martí quanto Valadés são presos e, cinco meses depois, em 4 de março de 1870, Martí assume a responsabilidade pela carta que acusava um dos seus de renunciar à causa cubana por ingressar no exército espanhol. É condenado a seis anos de prisão e levado a realizar trabalhos forçados em pedreiras, mas, graças às negociações de seu pai, consegue ser enviado à então *Isla de Pinos*, onde permanece até ter a pena convertida para exílio. Em 15 de janeiro de 1871, prestes a completar 18 anos, parte para a Espanha. Essa partida para terras espanholas seria o início de posteriores peregrinações (algumas por exílio, outras para ganhar a vida ou para trabalhar ou preparar a revolução cubana) pela Europa e pelo continente americano, o que marcaria profundamente o seu trabalho.

Na Espanha, onde viveu de 1871 a 1874, trabalha dando aulas e consegue terminar seus estudos, formando-se em Direito, Filosofia e Letras nas universidades de Madri e Zaragoza. Esse período na Espanha será de grande importância para Martí, pois terá a oportunidade de se familiarizar com o seu povo e sua tradição cultural, como pintores, místicos e estoicos, apesar de tentar buscar, sem sucesso, na República espanhola princípios que se alinhem à causa cubana (Retamar, 2018, p. 24). A essa “admiração”, mais tarde, é dada vida em *Versos sencillos*, “*para Aragón, en España / Tengo yo en mi corazón / Un lugar todo Aragón / Franco, fiero, fiel, sin saña*” (Martí, 1881).

No fim de 1874, abandona a Espanha; conhece, de passagem, a França e parte rumo ao México, onde se reúne com a sua família; torna-se grande amigo de Manuel A. Mercado, que viria a se tornar Secretário de Governo do México e a quem Martí escreveria sua última carta antes de ser fuzilado por tropas espanholas em 1895; vira jornalista e crítico, principalmente para a *Revista Universal*. De 1875 a 1881, vive entre México, Guatemala e Venezuela, com idas esporádicas à Espanha, Nova Iorque e Cuba nesse mesmo período. Vai a Cuba em duas ocasiões: em 1877 e 1878. A primeira, visita Havana com o seu segundo nome e o seu segundo sobrenome, Julian Pérez; a segunda, vai em solidariedade a seu amigo deposto pelo presidente Barrios, mas é deportado novamente para a Espanha em 1879, onde permanece por alguns meses até deixá-la rumo a Nova Iorque, em 1880, e Caracas, em 1881. Retorna a Nova Iorque, local onde consegue se fixar até 1895, e, nesse meio tempo, com viagens rápidas ao Haiti, Santo Domingo, Jamaica, Panamá, Costa Rica e México.

É nesse período nos Estados Unidos que Martí consegue aprimorar a sua ideologia, sobretudo quanto à unidade maior que viria a chamar de *Nuestra América*. Para Martí, os Estados Unidos representariam aquilo que ele chamaria de *América europea*, igualando-se ao que teria vivenciado durante a sua passagem na Espanha. Isso seria um divisor de águas no que diz respeito às diferenças

entre as duas Américas. Contudo, não deixa de reconhecer as virtudes desse país, as quais, nas palavras de Retamar (2018, p. 27),

en Estados Unidos, el país extranjero donde permanece por más tempo, se familiariza con la que llamará 'la América europea', y sin dejar de reconocer al principio sus virtudes, pronto ve espantado cómo reaparecen allí vicios que creía haber dejado atrás, en Europa (y que no eran sino las lacras del capitalismo desarrollado), y ratifica la diferencia de estructura y espíritu entre las dos Américas.

Cabe salientar que, recém-chegado aos Estados Unidos, a preocupação de Martí, a princípio, voltava-se à independência de Cuba da Espanha, não tendo, ainda, os Estados Unidos suscitado suspeitas quanto às suas reais intenções sobre a América Latina, nem demonstrado ser uma ameaça disfarçada aos olhos de Martí. Além disso, Martí esteve em território estadunidense quando o país experimentava uma crise em seu sistema econômico, como relatado em suas crônicas jornalísticas *Escenas norteamericanas* para o jornal bonaerense *La Nación*,

el sistema funesto, de engañosas apariencias, el sistema protector, que ha traído este país a este alarmante plétora de producciones caras, que lo tiene hoy vuelto una especie de Midas. El oro rebosa; pero el pan falta. Demasiados ferrocarriles; demasiada tierra sembrada de trigo; más vías de comunicación de las que en mucho tiempo pueden necesitar las comarcas despobladas que atraviesan; más acciones de las que autorizan el capital empleado y la capacidad productora de las compañías que las emiten.

Nesse ínterim, Martí envolve-se em diversas atividades relacionadas com a independência de Cuba, porém sem colher frutos dessas tentativas. Após ter suas investidas para estabelecer uma nova guerra pela independência tolhidas, Martí vê-se diante da oportunidade de retomar seus empenhos pela luta libertadora e, em 1887, realiza evento para celebrar o aniversário do *el 10 de octubre*, convocando os emigrantes da região. Com um discurso fervoroso, evocando “*el júbilo santo de los ejércitos de la libertad*” (Martí *apud* Retamar, p. 32), Martí consegue incidir nos ânimos daqueles presentes à solenidade, eletrizando “*su público con una palabra escrespada, centelleante de metáforas, que nunca descende a avulgararse, y fascina*” (Retamar, 2018, p. 32). Com isso, redige uma carta a Máximo Gómez, o qual responde prontamente à requisição de Martí para que lute mais uma vez pela libertação de Cuba. Ainda nesse período, o veículo de comunicação *The Manufacturer of Philadelphia* publica artigo sob o título *¿Queremos a Cuba?* em que, apesar de enxergarem a anexação de Cuba com entusiasmo por suas prosperidade e riqueza, questionam quais seriam as consequências de incorporar uma região com as características como as de Cuba, cuja população “*se divide en tres clases: españoles, cubanos de ascendencia español, y negros*”, aos Estados Unidos? Sobre o qual eles mesmos ponderam que

los españoles están probablemente menos preparados que los hombres de ninguna raza blanca para ser cuidados americanos. [...] Lo menos que tengamos de ellos será lo mejor. Los cubanos no son mucho más deseables. [...] En cuanto a los negros

cubanos están claramente al nivel de la barbárie. El negro más degradado de Georgia está mejor preparado para la Presidencia que el negro común de Cuba para la ciudadanía americana [...]. (p. 232).

O periódico prossegue com o discurso tirânico contra o povo cubano e, por fim, conclui afirmando que, se há uma questão que os preocupa mais ou menos, essa seria com relação à indexação de Cuba aos Estados Unidos. Em resposta a essas declarações, Martí escreve, em 25 de março de 1889, o artigo *Vindicación de Cuba*, no qual profere que

no es éste el momento de discutir el asunto de la anexión de Cuba. Es probable que ningún cubano tenga en algo su decoro desee ver su país unido a otro donde los que guían la opinión comparten respecto a él las preocupaciones sólo excusables a la política fanfarrona o la desordenada ignorancia. [...] No somos los cubanos esse pueblos de vagabundos míseros o pigmeos inmorales que a The Manufacturer le place escribir; ni el país de inútiles verbosos, incapaces de acción, enemigos del trabajo recio, que, junto con los demás pueblos de la América española, suelen pintar vijeros soberbios y escritores [...]. (Martí, 1991, p. 236-237).

A essa altura, a face imperialista dos Estados Unidos vem à tona e os temores de Martí se confirmam, principalmente após a convocação para a 1ª Conferência Internacional Americana, que ocorreria em Washington de outubro de 1889 a abril de 1890. Nesse encontro, os Estados Unidos demonstrariam seu interesse em estabelecer uma união pan-americana, de forma a alcançar novos comércios, como descreve Martí (1889, p. 63), “*el ansia de mercados de sus industrias plétóricas, [...] la fuerza necesaria para el acometimiento*”, com a América Latina, que, à época, fazia negócios com países europeus. Martí via essa parceria com receio, uma vez que os Estados Unidos possuíam produtos excedentes, resultados, como ele mesmo pontua, de “*la producción por el trabajo acelerado de las máquinas*”, e precisavam de mercado para que fossem absorvidos. Em carta endereçada ao Diretor do *La Nación* em 1889, como parte de um conjunto de trabalhos escritos sobre a Conferência, Martí expressa preocupação com o que essa relação representaria para as nações latino-americanas:

jamás hubo en América, de la independencia acá, asunto que requiera más sensatez, ni obligue a más vigilancia, ni pida examen más claro y minucioso que el convite que Estados Unidos potentes, repletos de productos invendibles, y determinados a extender sus dominio en América, hacen a las naciones americanas de menos poder, ligadas por el comercio libre y útil con los pueblos europeos, para ajustar una liga contra Europa, y cerrar tratos con el resto del mundo.

A proposta de uma moeda comum discutida na Comissão Monetária Internacional Americana (1889-1891) torna explícito, para Martí, o projeto expansionista dos Estados Unidos. Para ele, tratava-se menos de integração econômica e mais de uma estratégia de controle sobre as jovens nações latino-americanas, cuja fragilidade política as tornaria vulneráveis à dominação de uma potência industrial em busca de mercados para seus excedentes. Diante desse cenário, Martí intensifica sua ação revolucionária, fundando, em 1892, o Partido Revolucionário Cubano e o jornal *Patria*, com o objetivo de organizar uma luta coordenada pela independência de Cuba e Porto Rico. Após anos de articulação diplomática, mobilização da diáspora e preparação militar, a guerra é iniciada em fevereiro de 1895.

Martí desembarca em Cuba e, ao unir ação e pensamento, reafirma a centralidade do projeto político-civilizatório latino-americano que vinha elaborando. Sua morte “de cara ao sol”, como escrito em seu poema *Versos Sencillos*, sela sua escolha existencial: entregar a própria vida ao ideal de uma América livre da dominação estrangeira.

Político

Desde jovem, Martí já demonstrava grande inclinação política, o que se refletia em seus escritos, como *El diablo cojuelo*, impresso em 19 de janeiro de 1869 em Havana pelo seu *hermano del alma* Fermín Valdés Domínguez, que criticava a liberdade de imprensa imposta pelo capitão espanhol Domingo Dulce, e *La patria libre*, de 22 de janeiro do mesmo ano, em que aparece seu drama patriótico-simbólico *Abdala*. Além desses, Martí também publicou, aos dezoito anos, o folheto *El presidio político en Cuba*, quando tinha sido deportado para a Espanha pela primeira vez. Mais do que denunciar os crimes cometidos nos presídios políticos de Cuba, o documento revelaria a prosa polida e viril de um Martí jovem e insurgente, que vivenciara os horrores dessa realidade em primeira mão, além de servir para entender a sua formação ideológica e filosófica. Outro trabalho de destaque, também resultado de sua primeira deportação à Espanha, é o opúsculo *La república española ante la revolución cubana*, em que denuncia o fuzilamento de oito estudantes de Medicina em 1871. Nessa obra, Martí clamaria pela liberdade de sua pátria e escreveria “*Cuba quiere ser libre. - Así lo escribe, con privaciones sin cuento, con sangre para la República preciosa, porque es sangre joven, heroica y americana*”.

Paralelamente, Martí exerceria vários ofícios, em sua maioria pela independência cubana. No México, após deixar a Espanha no fim de 1874, contribuiria para o jornal *Revista Universal* como jornalista e crítico sob o pseudônimo de Orestes. Dentre os trabalhos realizados para a *Revista Universal*, destacam-se os artigos relacionados à situação de Cuba, em geral, e sua relação com a Espanha, bem como artigos sobre a abolição da escravidão e a causa trabalhista e de opinião sobre outros jornais, como *La Iberia* e *La Colonia*, alguns dos quais rebateria, como a resposta publicada em 13 de junho de 1875 a *La Iberia*:

quiero decir una vez más a La Iberia que todas las opiniones que sobre Cuba exprese yo en la La Revista, tiene un carácter exclusivamente particular [...]. No es, pues, que yo firmo todo lo que pienso, y La Revista tiene la bondad de pensar y decir la misma manera que yo.

Já a *La Colonia*, escreveria, em 8 de setembro de 1875,

la justicia no menoscaba el valor; antes lo enaltece. Admirar lo admirable no quita mérito a la defensa de una causa. Negar lo cierto, no la hace más justa. Olvidó esto La Colonia en su mesurado artículo, o la rapidez del viaje de La Colonia por los Estados Unidos, no le permitió recoger a su paso todos los datos ciertos del asunto.

Muéveme a escribir todo esto, el natural deseo de que mi patria sea en todas partes convenientemente honrada y respetada.

Na Guatemala, viria a ser professor e escreveria o folheto *Guatemala*, publicado no México em 1878. Depois, na Venezuela, em 1881, editaria a *Revista Venezolana*, em que apareceriam trabalhos literários importantes de sua autoria. Desse momento em diante, Martí se estabeleceria nos Estados Unidos até 1895 e apenas realizaria viagens a outros países latino-americanos a partir de 1892, com o propósito de tratar de assuntos relacionados à guerra. Em sua primeira passagem longa em solo norte-americano, presidiria o Comitê Revolucionário Cubano de Nova Iorque, que proclamara a chamada *Guerra Chiquita*, movimento de insurreição frustrado. Todavia, Martí não desistiria e continuaria seus esforços pela independência cubana: escreveria para grandes figuras que lutaram na Guerra de Dez Anos e que dela haviam saído com prestígio, como Emílio Núñez e Máximo Gómez, instando-os a se unir a novos esforços libertários. As divergências ideológicas, no entanto, tornam-se um entrave à realização de uma nova investida. Como questionaria Martí em carta a Gómez,

¿Qué somos, General? ¿Los servidores heroicos y modestos de una idea que nos calienta el corazón, los amigos leales de un pueblo en desventura, o los caudillos valientes y afortunados que con el látigo en la mano y la espuela en el tacón se disponen a llevar la guerra a un pueblo, para enseñorearse después de él?

Em 1887, recluso das tarefas revolucionárias, ganharia certo prestígio com os trabalhos prestados a diversos jornais de línguas inglesa e espanhola, como *The Sun* e *The Hours*, e *La Nación* e *El Partido Liberal*. Como resultado de sua crescente popularidade, seus trabalhos se diversificariam: a partir de 1887, é cônsul do Uruguai em Nova Iorque e, em 1888, é nomeado representante da *Asociación de la Prensa de Buenos Aires* nos Estados Unidos e no Canadá. Ao final de 1890, Martí também se tornaria cônsul da Argentina e do Paraguai e presidente da *Sociedad Literaria Hispanoamericana* e presidente honorário da *La Liga*, sociedade formado por negros e em que atuaria como professor.

Posteriormente, é nomeado representante do Uruguai na Conferência Monetária Internacional Americana, prorrogação da 1ª Conferência Internacional Americana. Por intermédio do *La Nación*, Martí seria uma das figuras de oposição mais atuantes na Conferência e que, nas palavras de Thomas F. MacGann, daria “*el ataque más severo contra la conferencia [...], que en noviembre comenzó a publicar una serie de extensos artículos de su corresponsal en Estados Unidos*”. MacGann reconheceria, ainda, Martí como o correspondente responsável pelos artigos sobre a Conferência, ao afirmar que “*ese corresponsal era José Martí, el revolucionario y prolífico escritor cubano. Sus informes eran agudos, detallados y vigorosamente escritos; su estilo intrincado y alusivo era un deleite para los lectores argentinos*”.

Em outubro de 1891, renunciaria tanto ao cargo de cônsul da Argentina, do Uruguai e do Paraguai quanto à presidência da *Sociedad Literaria Hispanoamericana*, em razão da aproximação de

um novo estado bélico em Cuba, dando apenas algumas aulas de espanhol para sua sobrevivência. Desse modo, Martí se dedicaria inteiramente à nova tentativa de insurreição e, como marco dessa nova tentativa, convidaria compatriotas residentes em Nova Iorque para celebrar *el 10 de Octubre*; sucedendo esse convite, escreveria várias cartas, nas quais insistiria na necessidade de organizar apropriadamente o novo futuro emancipador, para não expô-lo ao fracasso.

Ao final de 1891, Martí seria finalmente reconhecido como líder revolucionário e dirigente do movimento livre. Em 28 de novembro daquele ano, redige as *Resoluciones*, que serviriam como prólogo às *Bases del Partido Revolucionário Cubano*. Com o objetivo de intensificar a campanha revolucionária pela independência de Cuba e Porto Rico, Martí fundaria o jornal *Patria*, em que publicaria diversos artigos e ensaios dedicados à causa cubana. Em um desses textos, intitulado *Nuestras ideas*, apresenta estudo refinado da ideologia do movimento libertador, no qual já se delineiam as ideias fundamentais que mais tarde dariam origem ao célebre *Manifiesto de Montecristi*.

De 1892 a 1895, os trabalhos revolucionários se intensificam e Martí segue infatigavelmente em suas atividades de proselitismo voltadas à organização do movimento de libertação: escreve carta com instruções de levantes militares, dedica horas aos ajustes necessários à futura revolução e dirige-se a figuras centrais, para que a tarefa seja bem sucedida; escreve diversos artigos no periódico *Patria* sobre os pontos básicos de sua ideologia e sobre acontecimentos a ocorrerem dentro e fora de Cuba ligados à causa cubana, expondo as manobras espanholas contra as atividades separatistas cubanas, como no artigo *Los cubanos de afuera y los cubanos de adentro - La campaña española*.

Na última etapa revolucionária, há uma profusão de documentos escritos por Martí que vão desde o fracassado *Plan de Fernandina* até sua chegada à Cuba e seu sacrifício em Boca de Dos Ríos, além do já mencionado *Manifiesto de Montecristi*, documento de cunho político e de notório conteúdo ideológico escrito e assinado em 25 de março de 1895. Entretanto, Martí não apenas escreveu sobre suas ideias, mas também foi um *hombre-verbo*, ou seja, um exímio orador, reconhecido pelo escritor colombiano Vargas Vila e pelo dominicano Federico Henríquez y Carvajal, que o considerariam o “verbo da Cuba lutadora”. Chegar à alma do povo era, segundo Vila, o objetivo dos discursos de Martí:

Lentamente Martí se erguía, echaba atrás la cabeza enorme con un gesto de audacia rebelde, centelleaban las ideas agolpándose tras de la frente, la inspiración se desbordaba y del poeta arrancaba ya el triunfo irresistible; y el auditorio se poblaba de pupilas encendidas, de rostros transfigurados por la pasión contagiosa y por el ansia; y el entusiasmo heroico reventaba inconteniblemente en el aplauso. Había llegado al alma del auditorio. Llegar al alma del pueblo era todo el objeto de los discursos de Martí. (apud Carrancá y Trujillo).

Apesar de a oratória constituir parte de seus trabalhos pela independência de Cuba, apenas alguns de seus discursos foram transcritos e publicados em jornais como *El Porvenir* e *Patria*. Ele próprio reconhecia a atividade de orador, o qual definiria como “*varón justo, generalmente instruído, que habla con palabras no nacidas de la Retórica, ni del estudio de los labios. El hombre virtuoso instruído que expresa ardientemente la pasión*” (Martí, 2011, p. 450); no que diz respeito à oratória, argumentaria que é a “*forma exaltada y convincente del pensamiento y sentimiento*” e não possui outro propósito senão a imortalidade, “*ese eco que quedará después de la vida, como queda en la onda el sonido después de la suave nota armónica*”. Afirmaria, ainda, ser uma “*función divina que se cumple hermosamente. Es una fuerza superior que se expresa con fuerzas humanas*” (Martí, 2011). Não teria sido Martí entretanto fruto de sua própria constatação?

Desse modo, a trajetória intelectual de Martí está indissociavelmente ligada à sua atuação como escritor e tradutor, ainda que esta última ocupe uma posição secundária nas leituras tradicionais de sua obra. Os prólogos configuram-se como um material de grande valor para a compreensão do agente envolvido na criação textual e tradutória, pois permitem tornar visíveis reflexões, dilemas e posicionamentos inerentes ao ato de traduzir. No capítulo seguinte, examina-se o conceito de paratexto e o papel desempenhado pelo prólogo nos Estudos da Tradução, a fim de preparar o terreno para análise do prólogo de *Mis Hijos*.

CAPÍTULO II

Paratexto e tradução: fundamentos teóricos

1.1 Paratexto

A produção intelectual de Martí exige compreender não apenas seus trabalhos políticos e de cunho social, mas também os escritos que se destinam a expressar seu pensamento literário. Nesse conjunto, ainda que de forma tímida, destacam-se suas traduções e, em especial, o prólogo que antecede sua versão em espanhol de *Mis Hijos*, o qual constitui espaço de manifestação de seu eu-tradutor, pois é nele que Martí revela intenções, princípios éticos e limites de sua prática tradutória, em diálogo com questões centrais dos Estudos da Tradução.

Ademais, esses escritos não podem ser dissociados do contexto histórico e cultural da América Latina em formação. Ensaaios, depoimentos, prefácios, notas e epistolários convergem para formar uma rede de sociabilidade intelectual, em que escrita e vida pública se entrelaçam e dão forma a uma tradição crítica própria do continente (Weinberg, 2012). Os gêneros literários, ao serem importados da Europa para o Novo Mundo, se deslocam de suas funções originárias e passam a estar “fora de lugar”, o que, nas palavras de Weinberg, “se refiere al papel que toca a las ideas ‘importadas’ de Europa a América Latina cuando se reinsertan en un ámbito distinto y quedan así descolocadas ante una realidad sociopolítica y cultural diferente a la de origen”.

Esse caráter de entre-lugar, constitutivo da cultura letrada latino-americana, ressoa intensamente no campo da tradução. Pesquisas sobre tradução no continente ressaltam que a metalinguagem do tradutor, disseminada em ensaios, depoimentos, prefácios e notas, funciona como espaço de teorização dos processos de transferência intercultural, pois, como afirma Pagano (2000, p. 160), o discurso do tradutor, situado no “entre” línguas e tradições, revela modos de construção de identidades culturais.

Nesse horizonte, uma vez que, segundo Pimentel e Vieira (2020, p. 42), são os materiais paratextuais que orientam a leitura, projetam uma autoimagem e deixam entrever as concepções e as práticas adotadas no processo tradutório, analisa-se o prólogo de Martí à luz dos estudos do paratexto, a fim de compreender como são construídos normas, valores, estratégias e posicionamentos nesses limiares textuais, uma vez que esses materiais se mostram especialmente valiosos por apresentarem não apenas o texto traduzido, mas também os

metadiscursos que dele emergem, segundo Tahir-Gürçağlar (*apud* Pimentel; Vieira, 2020, p. 41).

1.2 Paratexto nos Estudos da Tradução

O paratexto, segundo a definição de Gérard Genette (2010, p. 15), refere-se ao conjunto de elementos que mantêm relação, mesmo que transversalmente, com o texto principal e condiciona sua recepção: prólogos, título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências etc. Não são partes externas, mas, sim, zonas de transição entre obra, autor e leitor, que funcionam como dispositivo de orientação e podem condicionar a leitura.

Em termos etimológicos, como observa Rodrigo da Costa Araújo (2010, p. 1), o prefixo *para-* indica aquilo que está “ao lado de”, “próximo a”, “em contiguidade com”, “paralelo a”, de modo que o paratexto se configura como uma escritura que está à margem do texto, não subordinada a ele, mas que constitui sua arquitetura e intervém em sua interpretação.

Sob essa perspectiva, o paratexto, então, pode ser considerado como uma zona limiar do texto, em que se articulam intenções autorais, protocolos de leitura e modos de recepção. De acordo com o E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceica, o prólogo, do grego *prólogos*, “o que se diz antes”, preserva, desde a tragédia grega, a função de preparar o público para a obra, enunciando seu tema e oferecendo interpretações diversas. Esse espaço preliminar, originalmente marcado por uma voz que podia comentar, orientar, persuadir ou, até mesmo ironizar o espectador, mantém no texto moderno o estatuto de lugar privilegiado de autorrepresentação, atravessado por vozes que não a do próprio autor.

No que diz respeito à importância teórica nos Estudos da Tradução, os paratextos ganharam relevância a partir das últimas décadas. Como indicam Pimentel e Vieira (2020, p. 40), o interesse nos paratextos como foco de investigação ganhou cada vez mais destaque, especialmente entre pesquisadores vinculados aos Estudos Descritivos da Tradução, inaugurados por Gideon Toury. Os paratextos fornecem os primeiros indícios sobre o conceito de tradução predominante em um determinado sistema cultural, funcionando como porta de entrada para compreender normas, expectativas e funções atribuídas ao ato tradutório. Além disso, conforme observado por Buendía (2010, p. 638), prólogos, epílogos, notas do editor e advertências preliminares do tradutor possuem formulações teóricas sobre estratégias adotadas, constituindo material de reconstrução de práticas e políticas tradutórias de uma época.

Ademais, os paratextos dão voz aos tradutores, apagando a marca da invisibilidade atrelada à atividade, enfatizando o seu caráter multifuncional, o qual pode, ainda, estabelecer padrões temáticos, como razões que justificam a existência da tradução, declarações de intenção, explicação do método de tradução e argumentação de modéstia, na qual o tradutor, ou o autor, do paratexto revela sentimentos de humildade ante a tarefa de traduzir. Há também variação no tamanho dos paratextos, que pode ir de uma a dezenas de páginas (Pimentel; Vieira, 2020, p. 43).

Quando o tradutor ocupa o espaço paratextual e assume uma voz implícita do texto traduzido, o prólogo passa a ser não apenas uma moldura interpretativa, mas também um lugar de formulação teórica sobre a própria prática do traduzir. Ou seja, a teoria da tradução se faz essencialmente com o pensamento de tradutores, e as ponderações destes constituem prática em que a visão teórico-prática do tradutor pode ser testemunhada (Flores; Hoff, 2020, p. 355).

1.3 Martí tradutor: contexto e prática tradutória

De seus inúmeros ofícios - jornalista, político, professor, revolucionário a homem das letras - Martí também desempenhou outra atividade: a de tradutor. Apesar de ter traduzido como forma de subsistência, sua contribuição para a tradução não poderia deixar de ser notada, sobretudo em suas percepções sobre tendências tradutórias que somente viriam a ganhar relevância no século XX, no período que “se caracteriza [...] pelo início de uma conscientização profissional mais pronunciada [...], e pelo delineamento, ainda que incipiente, de uma área de estudos especialmente dedicada à tradução [...]” (Arrojo, 2019, p. 425). Para compreender o “Martí tradutor”, é imprescindível analisar o contexto histórico em que se daria sua prática tradutória.

Contextualização

Nas palavras de Rodríguez (1998, p. 98), o século XIX passaria por intensas transformações sociais e culturais decorrentes da industrialização e do domínio cultural da burguesia. Com a modernização da imprensa, a atividade tradutória experimentaria o seu auge e em várias regiões e em diversos idiomas se traduziria, não se restringindo apenas ao Ocidente, mas se estendendo também às colônias. É nesse cenário que os tradutores cubanos contribuiriam

para a conformação de um panorama cultural da época e moldariam a sua literatura nacional. Em Cuba, a tradução no século XIX foi uma atividade essencial, associada a um prestígio cultural, não apenas a um *modus vivendi* ou recurso evasivo. E, nesse fenômeno que se estabelecia, Martí foi o tradutor mais proeminente e prolífico desse período, ao pôr a tradução “*en función de un relevante proyecto divulgativo, cuya importancia para el mundo hispanoparlante trasciende los límites de su época*” (Rodríguez, 1998, p. 98).

Além disso, conforme Waldegaray (2008, p. 98), a escrita foi, para as primeiras nações latino-americanas independentes, um gesto de autoridade letrada por meio da qual se buscava organizar a vida pública e responder à reivindicação por projetos civilizatórios pelos ideólogos da modernidade que tinham como modelo a recém-estabelecida confederação dos Estados Unidos da América. Na ausência de modelos políticos próprios, os intelectuais do século XIX voltaram-se ao Norte, de onde o projeto de consolidação dos jovens Estados latino-americanos deveria ser importado. Dessa forma, esses intelectuais viajavam com o intuito de importar um discurso que deveria ser encontrado nos Estados Unidos ou na Europa.

Valendo-se do jornalismo, Martí faria ainda observações pontuais relacionadas à tradução, como seu boletim sobre um projeto voltado à criação literária no México, que recompensava escritores e tradutores de forma igual. Nele, afirmaria que “*no se recompense mucho la traducción de obras del arte dramático extranjero*” e que “*de esto no nacerá ciertamente escuela propia*”, o que mostraria seu posicionamento quanto à obra criada e à obra traduzida e à necessidade de diferenciá-las. Tal posicionamento também se repetiria em outros escritos acerca de obras literárias diversas: “[...] *cuando se es inteligente, se produce. No se adapta, se innova: la medinía copia; la originalidad se atreve*”. A partir dessas constatações, é possível traçar o perfil de Martí como tradutor: “*traducir es transpensar*”.

Em razão da dissidência política, Martí, como outros intelectuais latino-americanos do século XIX, foi lançado ao exílio e peregrinou por várias nações, testemunhando as transformações de fora, mas buscando remediar as lacunas de sua terra perdida. Embora não tivesse crescido em um ambiente bilíngue, sua condição vacilante, forçada pelo exílio, o levou a mover-se entre códigos linguísticos e a construir sua subjetividade no “equilíbrio instável” de “ser e estar” entre dois mundos, evidenciando sua figura intelectual *trans* — que traduz, transcreve, reescreve, pensa como se fosse aquele para quem escreve (o leitor latino-americano), como se fosse aquele para quem traduz (Waldegaray, 2008, p. 100). Foi, ainda nas palavras de Waldegaray (2008, p. 100), um indivíduo errante “*en permanente travesía, un*

migrante que atravesó fronteras espaciales, un escritor que transpasó márgenes genéricos, un traductor que transcribió códigos lingüísticos, transpensó especificidades lingüísticas”.

Trabalhos traduzidos

Com relação ao domínio linguístico, Martí admitia falar um “inglês bárbaro”, como ele próprio diria, pois, recém-chegado aos Estados Unidos, em exílio, aprendeu o idioma como meio de ingressar no campo jornalístico. Essa experiência do emigrado, submetido à violência de renunciar provisoriamente a sua própria língua para falar a língua do outro, como nos diria Colombi (1999, p. 63), manifesta-se sob as formas de erros ortográficos, dupla grafia e hesitações linguísticas. Diante dessas imposições, escreveria seus primeiros artigos para o *The Hour* e o *The Sun*, jornais nova-iorquinos, em inglês e francês. Como exemplo de suas colaborações bilíngues, Martí escreve o relato *Impressions of America by a very Fresh Spaniard*, valiosa observação acerca da sociedade estadunidense da época, curiosamente traduzido para o espanhol como *Impresiones de America por un Español muy Fresco*. Além desse trabalho, Martí também redige outros relatos de viagem em francês, como *L’Amérique Centrale - Guatemala* e *Un Voyage à Venezuela*, ambos com tradução para o espanhol. Outro trabalho publicado no *The Hour* é a crônica em francês *Le Nu au Salon*, sob o título *The Nude in the Salon* em inglês e *El Desnudo en el Salón* em espanhol, na qual tece críticas sobre a arte de pintores franceses, especialmente Gustave Moreau. Seguiria publicando trabalhos com a mesma temática, disponibilizados em inglês e espanhol: *The Stebbins Gallery (La Galéria Stebbins)*; e *The Old Masters at Leavitt’s (Los Viejos Maestros en Leavitt)*.

Não obstante, Martí não somente escreveria artigos bilíngues para jornais, como também traduziria obras didáticas do inglês para o espanhol, a fim de atender a demandas entre os falantes de língua espanhola. Traduziria, em colaboração com a Casa Appleton de Nova Iorque, o livro *Antigüedades Griegas*, de J.H. Mahaffy, *Antigüedades Romanas*, de A. S. Wilkins e *Nociones de Lógica*, de W. Stanley Jevons, que, considerava “*maravillosamente inútiles tantas reglas pueriles*”. Quanto às obras literárias traduzidas, destacam-se *Mis Hijos*, de Victor Hugo e de quem era um grande admirador, publicada na *Revista Universal de México* em 1875; *Misterio*, de Hugh Conway, publicada pela *Casa Appleton* de Nova Iorque em 1888, com título original em inglês *Called Back*, tradução que considerava “*un desastre*”; e o romance de Helen Hunt Jackson, *Ramona*, cuja tradução Martí mais se empenharia em razão de uma afinidade com o tema abordado, “*escrito por una americana de nobilísimo corazón*,

para pintar, con gracia de idilio y color nuestro, lo que padeció el indio de California” (Martí, 2011, p. 113). As obras traduzidas em questão podem ser encontradas em sua integridade.

No entanto, em seu epistolário, Martí menciona outros trabalhos que se perderiam ao longo do tempo, são alguns deles: *John Halifax, Gentleman*, da novelista e poeta inglesa Dinah Maria Craik — sobre o qual afirmaria que “*enseña amablemente el arte de ser hombre*” — e o poema *Lalla Rookh*, de Thomas Moore, obra que “*pueda conmover el corazón cubano*”, dado que “*pinta penas como las de Cuba, con el amor que él tenía a su Irlanda?*” (Martí, 2011, p. 181), como ele mesmo questionaria em correspondência. Incursionaria em outras traduções de poesia, algumas inacabadas, com palavras ininteligíveis, lacunas ou correções feitas à mão, em parte pelo caráter hermético que a poesia carrega, o que admite somente recriações ou versões, consoante, de acordo com Antoine Berman (2007, p. 40), uma longa tradição — estendendo-se de Dante, Du Bellay e Montaigne a Voltaire e Diderot a Rilke, Jakobson ou Bense — que sustenta a ideia de que a poesia seria intraduzível por ela constituir, de acordo com formulação de Valéry, “uma hesitação prolongada entre o som e o sentido” (*apud* Berman, 2007, p. 40), servindo os trabalhos de Martí como uma confirmação desses pressupostos (Colombi, 1999, p. 64).

Nesse sentido, é possível observar a tradução de Martí “*cristalizada en su proceso*”, em um movimento que Colombi (1999, p. 65) descreveria como um “*desplazamiento hermenéutico [...], donde se trabaja bajo el espejismo lingüístico de ‘permanecer dentro del texto fuente’*”, assim confirmado em sua tradução do poema *Good-bye, proud world*, de Ralph Waldo Emerson, vertido para *Adiós, mundo...*: a palavra *proud*, no título, é substituída por reticências e, no primeiro verso do poema, Martí mantém o termo em inglês — “*Adiós, mundo proud, me vuelvo a casa*” —, deixando um espaço de indeterminação, como uma obra de arte nunca concluída, em um eterno vir-a-ser. Finalizaria com “de Emerson, verso a verso”.

A partir dessas considerações, o prólogo de *Mis Hijos* apresenta-se como um paratexto particularmente revelador do processo tradutório. Nesse espaço limiar, Martí explicita inquietações, justificativas e posicionamentos, permitindo observar de que modo constrói discursivamente sua imagem e sua compreensão do ato de traduzir. No capítulo seguinte, procede-se à análise do prólogo de *Mis Hijos*, a fim de examinar a construção discursiva das concepções de tradução e as estratégias de autorrepresentação de Martí enquanto tradutor.

CAPÍTULO III

Análise do prólogo de *Mis Hijos*

O objetivo deste capítulo é analisar o prólogo escrito por José Martí para sua tradução de *Mis Hijos*, de Victor Hugo, para buscar compreender de que forma o paratexto pode servir de palco para que o tradutor, figura silenciosa e invisível no processo de criação, possa dispor desse meio para explicitar suas escolhas e sua postura diante do texto original, uma vez que a tradução está associada a uma atividade complexa que, paradoxalmente, se sustenta na problemática de fidelidade e traição. A análise será realizada com base na leitura do prólogo como espaço discursivo para a autorrepresentação do tradutor, na tensão entre intraduzibilidade, hierarquia entre original e tradução e os limites do ato tradutório.

Victor Hugo ocupa lugar central no cânone literário do século XIX e figura como um dos principais expoentes do romantismo francês, não apenas por sua produção poética e romanesca, mas também por sua concepção elevada da literatura enquanto força moral, política e humanista. Sua obra, marcada pela valorização do gênio criador, pela intensidade do sentimento e pela crença na função civilizatória da arte, relaciona-se com uma ideia de autoria fortemente associada à originalidade e à sacralização do texto literário.

Ao adentrar mais profundamente a relação de Martí com a tradução, ou o “interior da mata da linguagem”, como ilustrado pelas palavras de Benjamin (2013, p. 112), deparamo-nos com suas concepções acerca do processo tradutório. No prólogo de sua tradução para *Mis Hijos*, Martí prenuncia reflexões dos dilemas da tradução, tão emaranhados na prática quanto na teoria em si, sob o paradoxo da hierarquia “texto original” e “texto traduzido”, fundamentado “nas noções românticas de gênio e de originalidade, que estão na raiz da sacralidade da obra literária” (Batalha; Pontes, 2004, p. 37). Considerando que Martí teve uma grande influência de pensadores alemães em sua formação, não é de se estranhar que ele próprio reconhecesse a soberania do texto original em relação ao texto traduzido. Martí manifesta essa postura de modo significativo no espaço do prólogo, ao recorrer a uma formulação metafórica para representar sua concepção de literatura, evidenciando, ainda que de forma implícita, a hierarquização entre obra original e tradução. Nesse sentido, ele evidenciaria essa tendência ao abordar uma ideia de sacralidade na literatura:

Ser, es más que existir: grandeza es más que escuela. En Literatura hay madre: el sentimiento; un padre, Dios, la fuerza creadora, el Zeus griego, el causa griego. De Zeus, Deus, Dios. De estos generadores, todo canta. A estos generadores, todo va.

Ainda de encontro ao que foi dito anteriormente, colocam-se em perspectiva duas concepções que vêm a emergir no campo da tradutologia e que ganham contornos mais definidos na era moderna: a intraduzibilidade e a suposta inferioridade da tradução em relação ao original. No prólogo de *Mis Hijos*, essas concepções erigem como figuras de valor da obra original e do texto traduzido, inseridas entre a tensão dos limites e das perdas inevitáveis. Conforme observa Berman (2007, p. 40), em todos os tipos de escrita, a intraduzibilidade é vivida como valor, pois busca guardar algo de si que não pode ser traduzido. Martí (2011, p. 17), por sua vez, manifesta inquietação ante essa questão ao afirmar: “*Victor Hugo no escribe en francés: no puede traducírsele en español. Victor Hugo escribe en Victor Hugo: qué cosa tan difícil traducirlo*”. Martí, dessa forma, operando no limiar do prólogo, não apenas expressa uma dificuldade pessoal, mas deixa transparecer discursivamente a figura de um original inacessível, enraizado na ideia de genialidade do texto original perante a insuficiência da tradução oferecida ao leitor. Em outras palavras, o que podemos observar é que a (in)traduzibilidade configura uma aporia do ato tradutório e a suposta condição de inferioridade da tradução decorre de um propósito irreparável e inerente: ela jamais poderá ser idêntica ao original (Berman, 2007, p. 43).

No contexto do paratexto, a problemática da intraduzibilidade traz à tona a retórica de culpa, vivenciada na forma como Martí descreve o próprio ato tradutório. Traduzir representa, então, um sacrilégio, um ato ultrajante e profano de violação da língua do outro, como definido por Martí (2011, p. 17): “*el deber del traductor es conservar su propio idioma, y aquí es imposible, aquí es torpe, aquí es profanar*”. Essa formulação, para além de uma simples reflexão abstrata, é articulada no prólogo como estratégia discursiva de modéstia e autoproteção, por meio da qual o tradutor se coloca em posição subalterna diante do autor consagrado e do leitor. Ademais, Martí admite não ter realizado uma boa tradução da obra de Victor Hugo, e sua preocupação de traduzi-lo fielmente acabou por se transformar em uma enumeração de termos em francês e seus equivalentes em espanhol, acompanhada da frustração de suas escolhas ao não reproduzirem o sentido do original, como se observa em sua reflexão sobre o termo *adoucissement* (*endulzamiento*, em sua proposta): “*el poeta es tan él esta vez que ni el castellano me hubiera perdonado el endulzamiento, ni yo mismo me perdono haber dicho menos de lo que él quiso decir*”.

Mais adiante, Martí comenta sobre o termo *esprit* (*juicio claro*, em sua proposta), definindo-o como de uma dificuldade insuperável, dadas suas inúmeras acepções e tentativas de se encontrar uma palavra em espanhol que abarcasse todo o significado presente no original. Ao abordar essa questão no campo do prólogo, Martí problematiza uma dificuldade lexical específica e a transforma em reflexão pública, revelando os limites do traduzir e expondo ao leitor o processo hesitante e não resolvido de sua decisão tradutória:

esprit no significa en esta frase de Victor Hugo lo que siempre se dijo con esprit [...]. Antes el esprit era una cualidad: aquí, Victor Hugo lo transforma en una personalidad. No es esprit que se tiene: es un esprit que se es [...]. Y como esprit es claridad, yo dije: juicio claro. Esto no es todo: esto no es completo, esto no es cierto: pero es todo lo más cierto que en mí pude hallar. Más adelante lo traduzco: espíritu; pero allí no es la entidad juiciosa, es el germen esencial, el impalpable movedor, el pequeño Zeus, lo que vive de Dios en cada hombre. - Esta vez he quedado más contento (Martí, 2011, p. 17).

O prólogo torna-se, então, espaço para a necessidade de justificar discursivamente as escolhas de tradução diante do leitor, indo muito além de uma busca por um equivalente lexical, momento em que hesitação é convertida em argumento e a insuficiência em princípio tradutório declarado.

Tais declarações de Martí e suas tentativas frustradas de captar as palavras em toda sua essência remetem a uma concepção comumente utilizada que equipara a tradução à transferência ou à substituição, nos moldes da definição de J.C. Catford e da caracterização da tradução de Eugene Nida. Essa concepção se materializa, no prólogo, na busca reiterada por um equivalente capaz de abarcar a totalidade semântica do termo *esprit*, expectativa que sustenta a própria frustração do tradutor diante da insuficiência de suas soluções. Entretanto, no contexto do prólogo, especificamente, o que se observa é a tensão entre expectativa de equivalência e a consciência de sua impossibilidade, revelada pelo próprio tradutor. Mais além, outros teóricos buscariam a sistematização de uma linguagem universal não arbitrária, em que cada palavra tivesse um significado único e fixo, sem sofrer alterações conforme o contexto, e fosse capaz de sanar lacunas linguísticas. Nesse contexto, tanto o poético quanto o não poético eram concebidos como características textuais intrínsecas e estáveis, passíveis de determinação objetiva, o que veio a ser problematizado por Arrojo (2007, p. 16), ao questionar a possibilidade de uma linguagem universal e neutra.

Em uma concepção que coloca a tradução como transferência de signos, o tradutor assume um papel estritamente mecânico, de mero operador que converte unidades linguísticas

de um idioma a outro, a exemplo da metáfora utilizada por Nida (Arrojo, p. 12). A atividade tradutória é, então, relegada ao estatuto de uma “imitação medíocre e laboriosa”, como define Berman (2007), o que justificaria a visão estigmatizada atribuída à tradução, como visto no posicionamento discursivo adotado por Martí em seu prólogo de *Mis Hijos*, inclusive ao antecipar possíveis críticas à tradução.

No paratexto, a internalização dessa problemática se manifesta por meio da retórica da desculpa, o que leva tradutores a interiorizar um sentimento de insuficiência e a se desculpar pelos supostos “erros” cometidos, como bem vivenciado por Martí: “*perdón pido, pues, humildemente, por los errores que confieso, y perdón todavía porque yo me atrevo a creer que estos errores no lo son tanto*”. O pedido de perdão de Martí, formulado no prólogo, expressa não apenas uma atitude pessoal, mas marca uma postura do tradutor pautada pela humildade e, especialmente, pela submissão ao original, levando-o a policiar suas escolhas e a relativizar a autoridade de sua própria tradução.

Em oposição a essa visão hierarquizante, a reflexão de Martí sobre o dever do tradutor, tal como formulada no prólogo de *Mis hijos*, aproxima-se da formulação de Benjamin em seu ensaio *A tarefa do tradutor*, segundo a qual a tradução não visa reproduzir o sentido, mas redimir a “pura língua”, libertando-a do cativeiro da obra por meio de sua recriação (*Umdichtung*). No espaço do prólogo, Martí não articula essa aproximação sob uma perspectiva teórico sistemática, mas como gesto discursivo que permite ressignificar a tradução para além da lógica da culpa e da mera insuficiência. Em ambos, a tradução atua como gesto simbólico e ontológico, que busca reparar uma perda - seja a perda do sentido da língua estrangeira em Benjamin, seja a perda da pátria e da identidade em Martí.

Desse modo, o prólogo de *Mis Hijos* modula-se como espaço de revelação do ato tradutório em si, obscurecido pelo prestígio do texto original, que detém o status de criação ante o de cópia da tradução, em que o tradutor assume a tarefa de mediação e recriação, ainda que marcada pela consciência de seus limites.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o prólogo de José Martí para sua tradução de *Mis Hijos*, de Victor Hugo, com o intuito de entender como o paratexto pode intermediar o discurso tradutório e a autorrepresentação do tradutor. O paratexto compõe as zonas periféricas de um texto e assume formas textuais diversas, como título, subtítulo, prólogos, epílogos, notas do editor, entre outros, constituindo gênero próprio e, nesse sentido, desempenhando um papel central na orientação da leitura e na construção de uma autoridade enunciativa atravessada por várias vozes, inclusive a do tradutor. Em contextos de deslocamento de ideias, como na América Latina do século XIX, a adoção desse tipo de gênero é ainda mais significativa e dá forma a uma tradição crítica própria do continente.

Por meio da análise do prólogo de *Mis Hijos*, pode-se observar como esse paratexto funciona como espaço em que Martí explicita discursivamente a travessia do ato tradutório e lida com os seus dilemas e princípios éticos. O prólogo coloca em evidência a consciência do tradutor diante da aporia da tradução e da abertura ao outro: o abandono de sua língua materna e a fidelidade à língua materna do outro, materializada na retórica da dificuldade, da desculpa e da justificativa, à medida que também revela a tradução como prática intelectual complexa, criativa e marcada por tensões inevitáveis. Dessa forma, longe de ocupar um lugar acessório na dinâmica do texto, o prólogo concebe pistas para os dilemas que acometem os tradutores subjetivamente e são intrínsecos à prática tradutória.

Além de fornecer um olhar para o pensamento do tradutor, as observações de Martí sobre a atividade tradutória prefiguram abordagens modernas dos Estudos da Tradução, sistematizadas tanto numa abordagem da prática quanto teórica da tradução, como a experiência da alteridade e o confronto com a diferença irredutível da língua e da cultura do outro. O prólogo representa, então, uma visão da elaboração teórica, ainda que não estruturada, sobre o traduzir.

O prólogo mostrou-se ser de grande riqueza descritiva, possibilitando uma análise de Martí enquanto tradutor, sem a necessidade de recorrer à comparação entre texto fonte e texto alvo, o que evidencia a relevância dos paratextos como fontes de pesquisa com potencial de contribuição para os Estudos da Tradução, sobretudo para compreender normas, valores e concepções que orientam a prática tradutória em determinada época.

Assim, buscou-se lançar luz sobre a atuação tradutória de Martí, ainda pouco explorada sob a ótica da tradutologia, por intermédio da análise do paratexto, outro aspecto a ser também considerado no campo da tradução, em específico o prólogo, como espaço de autorrepresentação e reflexão crítica sobre o traduzir. Ao confrontar a si próprio e a sua prática por meio do metadiscorso, o tradutor, figura que tende à invisibilidade, ganha voz e se torna meio de transmissão da estratégia discursiva. Portanto, a análise do prólogo de *Mis Hijos* permite conhecer Martí não apenas como poeta, ensaísta e

revolucionário, mas também como um homem das letras e pensador da tradução, cuja obra se inscreve de maneira significativa na formação intelectual e cultural da América Latina.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Rodrigo da Costa. De Textos e de Paratextos. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 10, p. 1–5, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/35183>. Acesso em: 14 dez. 2025.
- ARROJO, Rosemary. Os ‘estudos da tradução’ como área de pesquisa independente: dilemas e ilusões de uma disciplina em (des)construção. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S.l.], v. 14, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/44301>. Acesso em: 7 out. 2025.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 5. Ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BATALHA, Maria Cristina; PONTES, Geraldo Ramos. A tradução como prática da alteridade. **Cadernos de Tradução**, [S.l.], v. 1, n. 13, p. 27-43, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6230>. Acesso em: 30 out. 2025.
- CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www2.fesh.unl.pt/edtl/>. Acesso em: 14 dez. 2025.
- BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. 2. Ed. São Paulo: Editora 34.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène, Catherine Torres, Mauri Furlan e Andrea Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007. p. 40.
- CARRANCÁ Y TRUJILLO, Raúl. Martí y la oratoria. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, [S.l.], v. 2, n. 5-6, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.unam.mx/index.php/rmcyps/article/view/85266>. Acesso em: 7 out. 2025.
- COLOMBI, Beatriz. José Martí: traducir, transpensar. **Revista de Literatura Hispánica**, n. 54, p. 60-67, 1999. Disponível em: <https://digitalcommons.providence.edu/inti/vol1/iss49/54/>. Acesso em: 19 out. 2025.
- FERMAN, Claudia. Mártires y sueños en “Nuestra América”: lecturas de un texto latinoamericano. **Mester**, 1991, p. 16. Disponível em: <https://doi.org/10.5070/M3201014122>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- FLORES, Valdir do Nascimento; HOFF, Sara Luiza. Os tradutores e a tradução: o paratexto como lugar de reflexão sobre o sentido na linguagem. **Revista ECOS**, [S. l.], v. 25, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/3326>. Acesso em: 14 dez. 2025.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.
- MARTÍ, José. **Obras completas**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 18.
- MARTÍ, José. **Obras completas**. 2. Ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991.
- MARTÍ, José. **Obras completas. Volumen 19 viajes/diarios/crónicas/juicios**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2011. p. 450.
- MARTÍ, José. **Obras completas. Volumen 20 epistolario**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2011. p. 153.
- MARTÍ, José. **Obras completas. Volumen 5 Cuba**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2011. p. 181.
- MORALES, Carlos Javier. **La poética de Martí y su contexto**. Editorial Verbum, S.l., 1994.

NASSIF, Ricardo. **José Martí**. Tradução de José Eduardo de Oliveira Santos. Recife/PE: Editora Massangana, 2010.

PIMENTEL, Juliana; VIEIRA, Patrícia. Paratextos de traduções literárias e de traduções especializadas: estudo comparativo de prefácios e introduções. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 40, n. 2, p. 38-64, 2020. DOI: 10.5007/2175-7968.2020v40n2p38.

PAGANO, A. S. América latina, tradução e pós-colonialismo. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 44, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4286>. Acesso em: 14 dez. 2025.

RETAMAR FERNÁNDEZ, Roberto. **Introducción a José Martí**. México: Universidad Autónoma de México, 2018.

RODRÍGUEZ ARENCIBIA, Lourdes. Un traductor llamado José Martí: una valoración necesaria. **Revista Temas**, n. 15, p. 96-108, jul./set. 1998. Disponível em: <https://temas.cult.cu/revista/articulo/335>. Acesso em: 7 out. 2025.

SCHULMAN, Ivan A. El simbolismo de José Martí: teoría y lenguaje. **Revista de literatura hispánica**, n. 8, 1978. Disponível em: <https://digitalcommons.providence.edu/inti/vol1/iss8/2/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

TOLEDANO BUENDÍA, Carmen. ¿Qué hay tras las “notas del traductor”? In: RABADÁN, Rosa; FERNÁNDEZ LÓPEZ, Marisa; GUZMÁN GONZÁLEZ, Trinidad (org.). **Lengua, traducción, recepción: en honor de Julio César Santoyo**. v. 1. León: Universidad de León, 2010. p. 637-662.

VELOSO, Mariza. José Martí: modernidade e utopia. **Sociedade e Estado**, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 133-153, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5594>. Acesso em: 17 nov. 2025.

VICTOR, Hugo. **Mis Hijos**. Tradução de José Martí. Mexico: Imprenta de la Revista Universal, 1875.

WALDEGARAY, Marta Inés. Crisis del discurso importador de modelos extranjeros en Impressions of America by a very Fresh Spaniard (1880), de José Martí. In: **AMÉRICA. Cahiers du CRICCAL**, n. 39, Transamériques: Les échanges culturels continentaux. Paris: Press de la Sorbonne Nouvelle, 2008. p. 97-106. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_2010_num_39_1_1874. Acesso em: 7 out. 2025.

WEINBERG, Liliana. **El lugar del ensayo**. CELEHIS - Revista del Centro de Letras Hispanoamericanas, n. 4, 2012, p. 13-36.